

Romance histórico *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*, de Adilson Vilaça, e seu impacto na memória coletiva e na historiografia capixaba

Historical Novel *Cotaxé*, by Adilson Vilaça, and it's Impact on Collective Memory and Capixaba Historiography

Victor Augusto Lage Pena*

Neste artigo, proponho uma reflexão sobre os impactos da literatura de Adilson Vilaça, na construção de uma memória coletiva sobre o movimento agrário que ocorreu na região de Cotaxé, Ecoporanga (ES), entre as décadas de 1940 e 1960. A principal obra a ser analisada será *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*¹, um romance histórico sobre o movimento agrário liderado por Udelino Alves de Matos, publicado pela primeira vez em 1997 e a sétima edição em 2021, última até o momento.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).

¹ Doravante, usaremos apenas o título (*Cotaxé*) para referir o romance de Adilson Vilaça.

Tal livro, apesar de ser um livro de literatura, e não um livro historiográfico, tem um impacto considerável na construção da memória coletiva sobre o movimento, sobretudo no estado do Espírito Santo. Para compreender tal impacto, é preciso levar em conta que: o livro tem uma grande circulação, não só no estado, mas fora dele, sendo a obra sobre o evento com o maior número de edições, totalizando sete edições em 2021, como dito anteriormente. O segundo ponto a ser compreendido é que, mesmo sendo uma obra de ficção, um romance histórico pós-moderno, mesclando narrativas reais e ficcionais, a obra tem um efeito de verdade, pois nele consta um apêndice com documentos históricos pesquisados, como cartas, documentos oficiais do estado do Espírito Santo, relatórios militares, dentre outros. Assim, o leitor fica com a impressão de que ali está uma narrativa que mesmo não sendo real, se aproxima dela.

Junto a esses fatores, precisamos levar em consideração que o escritor Adilson Vilaça é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e por lá publicou outro livro sobre a temática, este de cunho historiográfico, intitulado *Cotaxé: a reinvenção de Canudos*. Sendo assim, Vilaça sai da condição de romancista e vai para a condição de historiador, posição na qual reforça diversos estereótipos criados a partir do romance histórico.

O romance trata do movimento dos posseiros de Cotaxé, com início na década de 1940, sendo reprimido em 1963. Esse conflito consistia em uma disputa pelo território em torno da vila de Cotaxé, onde viviam os posseiros, que se apossaram das terras desabitadas da região. As posses eram reivindicadas pelos grileiros. "O grileiro falsificava documentos e os registrava oficialmente, corrompendo os oficiais dos cartórios que, muitas vezes, fizeram parte do processo de falsificação de títulos de propriedade" (WELCH, 2012, p. 145).

No livro, o movimento é denominado "movimento jeovense", porém, neste artigo, opto por denominá-lo "Movimento Udelinista", liderado pelo posseiro Udelino

Alves de Matos. A necessidade de encontrar outro nome para a organização dos posseiros é justamente para romper com estereótipos que recaiam com frequência sobre ele, como veremos a seguir.

Dos estereótipos criados pelo romance, devemos nos ater em duas principais características: 1) que o Movimento Udelinista era um movimento messiânico; 2) que queriam fazer um novo estado, na região contestada entre Espírito Santo e Minas Gerais, que se chamaria "Estado União de Jeovah". E é, exatamente, por quisermos romper com a falsa ideia de criação do novo estado, que optamos por não denominar o movimento de "jeovense", como Vilaça o faz.

O romance *Cotaxé*, além de retratar o conflito no campo, conta a história de um romance de Udelino Alves de Matos com sua amada Isabel. Romance que não vingou, pois um amigo de Udelino acaba se casando antes dele. Há na obra outros triângulos amorosos, como o caso de João Come-vivo (Jorge Come-cru na vida real, braço direito de Udelino), que acaba se envolvendo com a governanta da Casa de Tábuas, no romance, sede administrativa do Estado de União de Jeovah, mulher casada com outro posseiro. Vários enredos menores enriquecem a narrativa do livro, demonstrando um cenário infeliz e violento na região, uma vez que a maioria das narrativas acaba em tristeza. Udelino vai embora, deixando sua amada casada com o seu amigo, e João Come-vivo acaba sendo morto pelos militares do Estado do Espírito Santo.

Sobre o caráter messiânico do Movimento Udelinista, há na obra literária de Vilaça a construção do personagem Udelino como uma pessoa de religiosidade exacerbada, confundindo sua liderança política com uma liderança religiosa, construindo assim uma representação messiânica do movimento. É possível encontrar passagens no romance que reforçam esse estereótipo messiânico, como: "Os ventos de Canudos ainda animavam os sertões, e Udelino, de naturalidade baiana, estava impregnado da herança de Antônio Conselheiro quando chegou ao contestado" (VILAÇA, 2007 a, p. 15). Toda essa construção

se dá em duas chaves de leitura: tanto na construção da narrativa messiânica, quanto na sua comparação com Canudos.

Porém, é necessário levantarmos algumas questões: por que essa narrativa messiânica incomoda? O que diferencia um movimento político de um movimento messiânico?

Inicialmente é importante compreender o conceito apresentado por Maria Isaura Queiroz, para quem o messianismo consiste em uma doutrina, podendo ser cristã ou qualquer outra forma de religiosidade. Essa doutrina obrigatoriamente gera um movimento social/religioso, em que é respeitada toda a sua lógica interna que varia conforme cada doutrina. O movimento messiânico necessita de um líder, no caso o messias, ou o profeta, que deve ser carismático, tendo características de um líder religioso, sendo considerado um filho de Deus, ou um enviado divino, responsável pela melhora na sociedade em que vivem seus seguidores (QUEIROZ, 1965).

Sendo assim, o messianismo é um estereótipo que recai com frequência a vários movimentos camponeses, construindo uma imagem de indivíduos despolitizados que vivem no campo, que só se organizam através de um messias, de uma intervenção divina. Esse estereótipo, por vezes é utilizado como forma de depreciar a capacidade política e organizada das pessoas que vivem no campo.

Para compreendermos como o romance *Cotaxé* constrói a narrativa messiânica, devemos levar em consideração algumas questões, como as inúmeras cenas em que Udelino evoca o nome de Deus, faz rezas e outras atividades religiosas: "Udelino pregava que o território era réplica do paraíso" (VILAÇA, 2007 a, p. 15), ou uma fala do personagem no livro que diz: "Meus colegas lavradores, amados filhos de Deus. O bom Pai nos agraciou com a oferta do paraíso" (VILAÇA, 2007 a, p. 63). Com essas frases e outras deste teor presentes na obra, é possível

notar explicitamente que Vilaça representa o líder dos posseiros como um profeta, alguém que evoca Deus em seus discursos políticos.

Outro ponto importante é o trecho do diálogo entre Udelino Alves de Matos e o personagem Francisco Rosa, membro do Partido Comunista do Brasil, em que falam sobre os conflitos agrários da região. Sendo a primeira cena:

Após o comício, um representante dos comunistas esperava Udelino detrás do coreto. Era um rapaz claro, de olhos castanho-esverdeados, chamado Francisco Rosa.

– Acho que é um homem inteligente e não vai iniciar uma guerra. Os camponeses não estão preparados para essa tarefa. Falta organização.

– Quem é você? – quis saber Udelino.

– Francisco Rosa. Pode me chamar de Chico.

– Então o senhor que é o tal Chico, o ateu?

– Se o senhor prefere assim, assim pode ser. O que o senhor não pode fazer é misturar a questão agrária com essa ridícula ideia de fazer um novo estado. Por que não repensamos a estratégia? Podemos nos aliar.

– Ridículos são os senhores, que não passam e meia dúzia que não tem nem o respeito do povo – foi a resposta de Udelino. E mais: – O povo está comigo, e Deus nos protegerá!

– O senhor é um populista! – Reagiu Chico Rosa.

– E o senhor já está cheirando a defunto!

Imune à ameaça, Chico Rosa voltou-se as costas e foi ajuntar-se a outros três, quatro membros do Partido, que o esperavam do outro lado da praça.

– O sujeito é megalomaniaco! – Sintetizou aos camaradas (VILAÇA, 2007a, p. 197-198).

A partir do diálogo acima, podemos perceber a construção de uma representação do Partido Comunista do Brasil na figura de Francisco Rosa, como o sábio, que percebia que o Movimento Udelinista não teria força para enfrentar os grileiros, considerando o seu líder “populista” e “megalomaniaco”. Já Udelino é representado como um líder messiânico, sempre se baseando em Deus, um fanático religioso que colocava o movimento agrário em perigo. Nessa cena, percebemos que as falas sobre Deus criam a imagem de um extremista religioso, e a maior crítica que o líder dos posseiros faz ao personagem de Rosa é o fato de ele ser ateu. Há então uma nítida divisão entre os personagens: Udelino sendo um fanático religioso, um inconsequente, trabalhando com a fé e com a emoção; enquanto Francisco Rosa seria uma pessoa racional, que conseguiria levar o movimento agrário de forma mais articulada, mais inteligente. Sendo assim, o

Movimento Udelinista, ou como o autor chama, “Estado União de Jeovah”, seria um movimento desarticulado, sem força, e os comunistas seriam um grupo com a capacidade de fazer um movimento muito mais articulado, racional e com força política.

Para completar a nossa análise de que o romance interpreta Udelino como um líder messiânico, precisamos levar em consideração o trabalho de Maria Beatriz Abaurre, *A metaficção histórica no romance “Cotaxé” de Adilson Vilaça*, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. A autora faz sua análise, levando em consideração alguns aspectos linguísticos da obra e chamando-nos a atenção para alguns detalhes como:

Udelino, por exemplo, em meados da trama, começa a ter uma linguagem contida, repetida três vezes, como uma oração, enfatizando o que fala. [...]. Percebe-se também, podendo-se fazer uma analogia, a simbologia da repetição que pode ser vista como um ato místico, sendo o três um algarismo cabalístico envolto a muitos mistérios (ABAURRE, 2000, p. 95-96).

Esse mecanismo de linguagem apresentado por Abaurre serve para ilustrar como não só diretamente Vilaça representa Udelino como um líder messiânico, mas utiliza da estética nas falas do personagem para reforçar tal ideia. Falar de forma repetitiva, o que Abaurre interpreta “como uma oração”, reforça essa imagem religiosa de Udelino. Na obra, a autora reconhece o caráter religioso exaltado do personagem e entende o movimento enquanto messiânico.

A interpretação apresentada no romance histórico acabou sendo dominante na memória coletiva sobre o conflito agrário em Cotaxé, tamanho foi o impacto dessa obra, e de outros escritos de Vilaça. Ela chega à sala de aula, aos jornais contemporâneos e a um livro paradidático. Podemos comparar a importância da obra literária *Os sertões*, de Euclides da Cunha, ao se trabalhar com Canudos, à de *Cotaxé*, de Adilson Vilaça, para trabalharmos com o Movimento Udelinista.

Parte da construção narrativa de Vilaça sobre Cotaxé acaba sendo referendado como verdade após a publicação de *Cotaxé: a reinvenção de Canudos*. Obra publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, que dá um caráter historiográfico a uma narrativa que antes estava no campo do romance. Claro que existem diferenças entre o romance e a obra historiográfica de Vilaça, mas alguns estereótipos, como o messianismo do movimento, acabam sendo reforçados na nova narrativa.

Na introdução da obra historiográfica, Vilaça (2007b, p. 10) aponta seus objetivos naquela pesquisa: “[...] a questão fundamental que orienta [...] esta investigação é aquela que interroga qual o parentesco messiânico que vincula a fundação de Canudos e a criação do Estado de União de Jeovah”. É perceptível que o autor considera o Movimento Udelinista, por ele chamado, como vimos, de “Estado União de Jaovah”, como um movimento messiânico, com aspectos parecidos com Canudos. Ao longo da obra essa representação é reforçada, como no trecho:

Em meio à tanta desagregação, Udelino não tardou em descobrir que havia uma língua para unificar os deserdados: o dialeto da terra, de mãos dadas com uma religiosidade que fundia Deus ao metafísico coletivo. Logo posseiros capixabas e mineiros uniram-se aos da Bahia para ouvir-lhe a pregação messiânica (VILAÇA, 2007b, p. 18).

Luta política “de mãos dadas com uma religiosidade” é uma descrição clara de um movimento messiânico. Principalmente quando Vilaça diz que o discurso político e religioso de Udelino foi o caráter unificador do grupo de posseiros. Em diversos outros trechos ao longo do livro tais características são reforçadas. O próprio termo “líder messiânico” é utilizado em passagens posteriores para se referir a Udelino.

Ao descrever o fim do movimento, Vilaça (2007b, p.121) afirma: “Mas o sonho messiânico não sobreviveria ao poder repressor advindo da organização política do Estado”. Há então um reconhecimento explícito do movimento enquanto messiânico. A grande crítica que o livro faz às interpretações anteriores diz respeito à deslegitimação política do movimento pelo seu caráter messiânico.

Segundo Vilaça (2007b, p. 85), o grande problema existe porque “no Brasil, tantas e tantas vezes, o messianismo conduziu a sublevação no campo que, por erro de foco, seria delimitada ora como surto de fanáticos, ora rebelião alucinatória de despossuídos”. Em toda a sua obra, o autor nos mostra que, mesmo tendo um caráter messiânico, o Movimento Udelinista teve uma base política organizada e articulada, com consciência política de seus envolvidos, sendo um movimento social legítimo, e não um simples surto generalizado.

Esses reducionismos históricos recaem como estereótipo de boa parte dos movimentos sociais do campo. Por exemplo, é comum encontrar algumas obras sobre Canudos que representam Antônio Conselheiro como um louco e/ou fanático religioso. Flávio Costa (1998, p. 119) afirma

[...] não ser raro que algumas personagens históricas passem à História como heróis, sábios, loucos ou santos por uma força desta tendência redutora, compactadora, que em muitas ocasiões leva historiadores e escritores a pintarem amplos retratos psicológicos de certas personagens símbolo, a partir de poucos detalhes, de uma certa particular situação a que o ser ou sua vida estão associados, às vezes de forma passageira ou por circunstâncias esporádicas.

Portanto, a obra historiográfica de Vilaça auxilia no processo de desmitificação de movimento enquanto um surto coletivo, de um líder louco, estereótipo construído em partes na sua obra literária. Porém, ainda reproduz o estereótipo messiânico, seguindo a análise da obra de cunho historiográfico:

Reduzir a perspectiva do movimento social de Canudos apenas a fanatismo ou restringir o contorno do movimento jeovense apenas à solicitação da demanda secularmente reprimida de uma reforma agrária é manobra que parcializa e, conseqüentemente, deturpa a verdadeira dimensão configuradora de tais movimentos – a combinação de predição de um mundo melhor e seu alcance, sua construção (VILAÇA, 2007b, p. 81).

Sendo assim, Vilaça caracteriza como parcial uma interpretação que não caracterize o Movimento Udelinista como um movimento político. Pensando a partir da crítica apresentada anteriormente, sobre os costumeiros estereótipos

criados para retratar a população camponesa, por que não podemos considerar um movimento do campo como político, secular, em luta por direito a acesso e permanência na terra? Por que sempre precisamos de códigos messiânicos para descrever movimentos camponeses? O que havia de messiânico no Movimento Udelinista?

Antes de respondermos a esses questionamentos, é preciso reconhecer o alcance que toda essa narrativa teve na construção de memória sobre Cotaxé. Ao iniciar pelo ambiente escolar e pelas aulas de História do Espírito Santo, cito como exemplo a memória escrita de Adel Rocha, publicado no livro *Palavras do Cotaxé: relato sobre o Seminário das Humanidades* (evento sobre o qual abordarei mais adiante):

Após uma breve explicação sobre Canudos foi dito que aqui no Espírito Santo, na região noroeste, também ocorreu um movimento messiânico, que de alguma forma lembrava o episódio de Canudos. Mas infelizmente esse foi apenas um ponto utilizado pelo professor para falar da disputa territorial entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo e Bahia. Acredito que foi naquela aula, que pela primeira vez ouvi falar do Contestado Capixaba (ROCHA, 2021, p. 26).

A representação messiânica não estava presente somente em sala de aula, como nos demonstra Adel Rocha, ela também estava presente em veículos de imprensa. Em 2010 saiu uma reportagem em um jornal de grande circulação no Espírito Santo, *A Tribuna*, em que reforça determinados estereótipos de Udelino: “Magro, alto e sempre usando terno preto, Udelino, que não gostava de fotografias, recorria à Bíblia para unir os camponeses” (SEGANTTINI, 2010, p. 18). Nessa matéria é possível notar a construção de uma representação até caricata de um líder religioso. O mesmo ocorreu em uma reportagem anterior, de 1997, no jornal *A Gazeta*, também de grande circulação no Espírito Santo, no qual, em uma entrevista com Adilson Vilaça, reforça-se a ideia de que “este estado [União de Jeovah] seria baseado em uma religiosidade muito forte. Ele prometia um paraíso em terra, e com esta promessa encantava as pessoas” (CURRY, 1997, p. 3).

A mesma construção narrativa pode ser encontrada no material didático sobre o Espírito Santo. No livro *História e Geografia do Espírito Santo*, de Thais Moreira e Adriano Perrone (2007, p. 126), encontra-se: “Foi criado pelo movimento o Estado de União de Jeová, num misto de questão fundiária e pregação religiosa”. Por se tratar de um material didático, é provável que para sua escrita foram pesquisados materiais de referência sobre o tema, sendo Adilson Vilaça reconhecido, na época de sua publicação, como o maior pesquisador desta temática, reproduzindo a sua interpretação. Neste caso é mantido tanto o messianismo, quanto o objetivo de criar um novo estado na região, o Estado União de Jeovah.

Tendo em vista toda a repercussão do discurso de Vilaça sobre o Cotaxé, torna-se necessário retornarmos aos questionamentos anteriores e pensarmos as revisões historiográficas que ocorreram a partir de 2014, trazendo novas possíveis narrativas sobre o movimento, refutando as narrativas messiânicas e de construção do Estado União de Jeovah.

A compilação dessas pesquisas, que propõem uma nova narrativa historiográfica sobre Cotaxé, foi publicada no livro *Contestado capixaba*, organizado por Ueber Oliveira, Elio Garcia, Victor Pena e Leonardo Foletto. Esses autores, entre os quais eu me incluo, constroem um movimento historiográfico que propõe a revisão desses estereótipos. Assim, chegamos a algumas conclusões no decorrer das nossas pesquisas²:

Udelino, junto ao seu pessoal, não empregava o termo *Estado União de Jeová*, podendo isso indicar, com alguma segurança, que esse não era o seu propósito. Alguns depoimentos na CPI de 1953 confirmam o uso corrente dos termos *Patrimônio*, *Patrimônio de Jeová* e *Patrimônio*

² As pesquisas, de forma mais detalhada, podem ser consultadas nas dissertações de mestrado de Élio Ramires Garcia, *Do Estado União de Jeovah à União dos Posseiros de Cotaxé: transição e longevidade* (2015) e Victor Augusto Lage Pena, *Os posseiros de Cotaxé e o Movimento Udelinista: conflitos de representação* (2016).

União de Jeová e, em momento algum, o termo Estado (GARCIA, 2018, p. 56).

Elio Garcia, em seu capítulo intitulado “Mitos, equívocos e invencionices sobre o Cotaxé”, vai refutando alguns estereótipos, ponto a ponto, como no trecho em que questiona a inexistência de provas sobre a narrativa apresentada por Vilaça acerca da criação do Estado União de Jeovah:

[...] os conceitos novo Canudos, novo Antônio Conselheiro, a tentativa de assemelhar Udelino ao Conselheiro, bem como a invenção do Estado União de Jeová, está baseada nas predisposições e objetivos políticos e ideológicos de Djalma Borges, em conluio com a Folha do Povo e, também, no espancamento de Mário Bernardes da Silva, para relatar, sob tortura, a abrangência territorial do Estado, sua estrutura administrativa e a forma de distribuição das terras, além de nomes de outros posseiros, entre outras (GARCIA, 2018, p. 60)

Sendo assim, ao longo das nossas pesquisas chegamos à conclusão de que esses estereótipos aparecem em documentos oficiais, porém, são narrativas construídas por agentes repressivos do movimento, como o Major Djalma Borges, que liderava a equipe militar do Espírito Santo na repressão do Movimento Udelinista. Essas narrativas foram reforçadas por setores da imprensa na época, como a *Folha do Povo*, que reproduzia o discurso da repressão:

O braço direito do deputado Wilson Cunha é o novo Antonio Conselheiro, Udelino Alves de Matos, analfabeto e pregador religioso que, sob o patrocínio de W. C. criou o “Estado de Jeová”, composto das regiões de São Francisco, Mantena, Teofilo [sic] Otoni e Carlos Chagas, cuja capital será edificada em Cotaxé. O chefe do novo “Canudos” apresenta-se munido de uma bandeira verde, com faixa branca e um livro com papeis selados, dizendo ser o titulo [sic] de nomeação da Presidencia [sic] da República. Udelino Alves de Matos nos seus garranchos, dos quais publicaremos fac-simile, intitula-se “Delegado Federal dos Lavradores do novo Estado União de Jeová”, trabalhando ainda, como protagonista da candidatura W. C. a Governador do Estado (!?) (SURGE, 1953, p. 01)

Percebemos que o jornal em questão reproduzia o discurso da repressão. E a grande crítica à obra historiográfica de Vilaça se dá pela reprodução dos discursos repressivos na construção da narrativa sobre Cotaxé. Ação aparentemente não intencional, pois o autor seguiu as fontes que lhe eram acessíveis, no caso, a

fonte repressiva. Houve neste ponto uma ingenuidade interpretativa, não fazendo o autor uma crítica externa à fonte, reproduzindo seu discurso.

Devido a essas questões metodológicas, presentes na construção da narrativa historiográfica de Vilaça, pareceu-nos pertinente propor uma revisão da narrativa sobre esse passado. Afinal: “o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2006, p. 55). Sendo assim, não acreditamos ser politicamente adequado manter uma narrativa que reproduza o discurso da opressão.

Ainda sobre o impacto da obra de Vilaça no imaginário brasileiro, mas agora fazendo a ponte para o movimento historiográfico que se criou posteriormente a essa série de leituras imprecisas do episódio de Cotaxé, precisamos citar o Seminário das Humanidades de Cotaxé³, evento que funcionou como projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e teve como proponente Vander Costa, filósofo coordenador do encontro externo à Universidade. Como afirma Costa, o seminário teve como inspiração os escritos de Adilson Vilaça:

Até então a nossa grande referência, e não deixa de ser, é o nosso escritor Adilson Vilaça. O romance “Cotaxé”, é um livro que viajou longe e gerou uma grande influência e podemos dizer que todos nós estávamos bastante tomados pela construção do Adilson, que é fantástica, encantadora e apaixonante, e isso talvez explique também um pouco daquela aventura de 2009⁴ (COSTA, 2021, p. 20).

Os escritos de Vilaça são encantadores, isso não podemos negar. E foram eles que influenciaram boa parte dos idealizadores do Seminário das Humanidades de Cotaxé. O que não se esperava é que o próprio Seminário, que teve sua primeira edição em 2013, fosse capaz de reunir pesquisadores e construir novas narrativas

³ Parte da produção intelectual e artística do *Seminário das Humanidades de Cotaxé* pode ser acessada pelo site <<https://www.memoriacamponesacotaxe.com/>>.

⁴ Ano em que se começou a idealizar o Seminário das Humanidades de Cotaxé.

que refutasse a perspectiva historiográfica da “fantástica, encantadora e apaixonante” obra de Vilaça.

[...] talvez a mais relevante contribuição do Seminário [das Humanidades de Cotaxé] foi a de melhor expor a separação da *narrativa literária*, presente sobretudo nos escritos de Adilson Vilaça (por muito tempo único estudioso do tema), e propalada por ele mesmo e por outros que se dizem estudiosos do assunto, e a *narrativa de cunho historiográfico*, pautada em fontes documentais outrora inacessíveis ou recém descobertas, bem como na crítica interna e externa das fontes e ferramentas analíticas adequadas (OLIVEIRA, 2021, p. 177).

O movimento de revisão da historiografia sobre Cotaxé nos ilustra como o passado não é estático, e como as narrativas sobre ele passam por constantes mudanças ao longo dos anos. Como afirma Roger Chartier (2010, p. 24), “o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais”. O passado não nos é mais possível de alcançar, restando-nos apenas possibilidades de representá-lo. Se a narrativa literária e historiográfica de Vilaça era a única possível no passado, hoje ela precisa conviver com outras narrativas possíveis: “Ouso a dizer que este debate historiográfico foi o mais rico e salutar da historiografia capixaba, neste século XXI”, comenta um dos mais entusiasmados com as novas narrativas construídas, o historiador Adeylson Bertuani (2021, p. 38).

Porém, o que mais nos chamou a atenção nesse movimento de revisão historiográfica não foi o fato de descobrir problemas nas narrativas defendidas por Vilaça, mas perceber que faz parte do processo de pesquisa que as narrativas sejam aperfeiçoadas, revistas, repensadas, com o passar dos anos e com as novas investigações. É provável que o que defendemos em nossas narrativas hoje em breve seja revisto por novos estudos do passado. Contudo, a não receptividade de Vilaça às novas pesquisas é o que nos deixa incomodados como pesquisadores. Ele continua defendendo a sua narrativa sobre o Movimento Udelinista como um movimento messiânico, de construção do Estado União de Jeovah, e de sua comparação com Canudos, como publicado em 2021:

O efêmero e precário Estado União de Jeovah hasteou bandeira, cobrou impostos, cantou hino, formou uma milícia e seria comparado a Canudos – evento messiânico massacrado na Bahia, em 1897 – no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito de âmbito estadual, instalada em 1953, que alcunharia o movimento social de “Canudos Mirim. O atual distrito de Cotaxé (município de Ecoporanga) foi a capital do Estado de União de Jeovah, e seu fundador e “governador” provisório ser o líder messiânico Udelino Alves de Matos, natural da Bahia (VILAÇA, 2021, p. 44).

Notem que Vilaça retoma todas as narrativas refutadas pelas novas pesquisas historiográficas sobre os posseiros de Cotaxé. Há assim, um posicionamento político narrativo de Vilaça de manter a sua representação sobre o passado do Movimento Udelinista. Temos, portanto, aqui apresentado um conflito de representações, segundo o conceito de Chartier: “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p. 17). Nesse sentido, Vilaça defendendo sua narrativa messiânica e de criação do Estado União de Jeovah, e Elio Ramires Garcia e eu defendendo uma narrativa política secular para o movimento.

Desse modo, essas lutas são de cunho político de interpretação desse passado. Interessa-nos construir uma narrativa que não reproduza o discurso opressor, mas, sim, dialogue com o discurso dos próprios posseiros.

Entretanto, mesmo havendo críticas, Vilaça não está sozinho. É preciso reconhecer que existem outros historiadores que acabam reproduzindo a sua narrativa, como o caso do historiador Edmilton da Silva, que em sua dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Ufes, em 2019, afirma que:

Udelino tinha um sonho ainda maior: a criação de um novo ente federativo naquela Zona contestada, o Estado União de Jeová. Lugar onde todos os posseiros teriam seu pedaço de chão para trabalhar e onde ele, Udelino, seria governador. [...] o Estado União de Jeová contava com agentes públicos nomeados, além de símbolos

representativos de poder: bandeira e hino. Aliás, características dos estados federados (SILVA, 2019, p. 78).

Apesar de Edmilton Silva não apresentar nenhuma fonte histórica para comprovar as afirmações acima, e apenas reproduzir as obras de Vilaça sobre o assunto, não podemos desconsiderar que ainda existem obras historiográficas que defendem a narrativa messiânica do movimento dos posseiros de Cotaxé e a Construção do Estado União de Jeovah. O que nos permite concluir que o conflito de representação aqui apresentado está presente ainda hoje dentro das disputas de narrativas sobre o passado capixaba e dentro da historiografia.

Em conflito, ou em consenso, a obra literária de Adilson Vilaça e todos os demais escritos sobre Cotaxé são fundamentais para a preservação da memória sobre o movimento camponês no Espírito Santo. Seja na literatura ou na historiografia, é necessário contar, e recontar essas histórias. Afinal:

Relembrar as lutas sociais de destaque na história subalterna do campo não é um exercício de história social, e sim a tentativa de caracterizar pontos chave na tradição inventada do movimento camponês do fim do século XX e no início do século XXI, que conseguiu elevar eventos a mitos entre seguidores, se não, na população em geral. [...] Mitos, longe de serem contos de deusas falsas, são a liga cultural que serve como memória coletiva de comunidades, tais como os movimentos sócio-territoriais (WELCH, 2012, p. 147).

Com ou sem conflito, com ou sem narrativas exuberantes e fantásticas, todas elas ajudaram, cada uma a sua maneira, a construir a memória coletiva de Cotaxé. Espero que, mesmo dentro de conflitos, tenha sido possível construir uma narrativa encantadora sobre os posseiros de Cotaxé e suas lutas no campo.

Referências

ABAURRE, Maria Beatriz Figueiredo. *A metaficção histórica no romance "Cotaxé" de Adilson Vilaça*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2000.

BERTUANI, Adeylson Lichtenheld Craus. Eu amo Cotaxé e o Seminário das Humanidades. In.: COSTA, Vander (Org.). *Palavras do Cotaxé: relatos sobre os Seminários das Humanidades*. Vitória: Milfontes, 2021.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COSTA, Flávio José Simões. *Antonio Conselheiro, louco?* Ilhéus: Editus, 1998.

COSTA, Vander. Apresentação. In: _____ (Org.). *Palavras do Cotaxé: relatos sobre os Seminários das Humanidades*. Vitória: Milfontes, 2021. p. 15-24.

CURRY, Andréia. Udelino prometia um paraíso na terra. *A Gazeta*, Vitória, 10 ago. 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GARCIA, Élio Ramires. *Do Estado União de Jeovah à União dos Posseiros de Cotaxé: transição e longevidade*. 2015, 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GARCIA, Elio Ramires. Mitos, equívocos e invencionices sobre o Cotaxé. In: OLIVEIRA, U. J.; GARCIA, E. R.; FOLETTO, L. Z.; PENA, V. A. L. (Org.). *O Contestado capixaba: historiografia e aspectos históricos*. Serra: Milfontes, 2018.

OLIVEIRA, Ueber José de. O Seminário das Humanidades de Cotaxé: semeando o debate e formando novos olhares sobre a questão do contestado capixaba. In.: COSTA, Vander (Org.). *Palavras do Cotaxé: relatos sobre os Seminários das Humanidades*. Vitória: Milfontes, 2021. p. 175-182.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus; Edusp, 1965.

PENA, Victor Augusto Lage. *Os posseiros de Cotaxé e o Movimento Udelinista: conflitos de representação*. 2016, f.? Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História: Poder e Linguagens, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

ROCHA, Adel. Conversa de corredor, devaneios e confraternizações. In.: COSTA, Vander (Org.). *Palavras do Cotaxé: relatos sobre os Seminários das Humanidades*. Vitória: Milfontes, 2021. p. 25-28.

SEGANTTINI, Fábio. Um estado diferente do Norte. *A Tribuna*, Vitória, 25 abr. 2010.

SILVA, Edmilton. *As representações da violência na região do Contestado entre o Espírito Santo e Minas Gerais (1940 – 1962)*. 2019, 121 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SURGE uma nova Canudos em pleno norte capixaba. *Folha do Povo*, Vitória, 11 mar. 1953.

VILAÇA, Adilson. *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*. 4. ed. Vitória: Textus, 2007a.

VILAÇA, Adilson. *Cotaxé: a reinvenção de Canudos*. Vitória: IHGES, 2007b.

VILAÇA, Adilson. História do nunca, terra do sempre. In.: COSTA, Vander (Org.). *Palavras do Cotaxé: relatos sobre os Seminários das Humanidades*. Vitória: Milfontes, 2021. p. 41-46.

WELCH, Clifford Andrew. Conflitos no Campo. In: CALDART, R. S. et. al. (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da representação do passado presente no romance *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*, de Adilson Vilaça, e como ela contribuiu para a construção de uma narrativa historiográfica sobre o Movimento Udelinista, movimento agrário que ocorreu na região noroeste do Espírito Santo entre as décadas de 1940 e 1960. O romance apresenta uma construção estereotipada sobre o movimento, tratando-o como um movimento messiânico e como criação do Estado União de Jeovah. Além do romance, Vilaça também escreveu textos historiográficos reforçando alguns estereótipos presentes no romance histórico. Nosso objetivo é apresentar como outras pesquisas demonstram os problemas e limites desta construção representativa sobre o passado, propondo uma revisão historiográfica. A análise da narrativa de Vilaça nos possibilita compreender quais foram os impactos dela na construção de memórias coletivas sobre o passado de Cotaxé. Percebemos que existe um conflito de representações, no qual, na memória e na historiografia, existem no mínimo duas possibilidades interpretativas sobre o passado do movimento agrário de Cotaxé.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História. Romance histórico – Adilson Vilaça. Adilson Vilaça – *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*. Movimento Udelinista – Tema literário. Cotaxé – Tema literário.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the novel *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*, by Adilson Vilaça in the construction of a historiographical narrative, the Movimento Udelinista, an agrarian movement that took place in the northwest region of Espírito Santo between the 1940s and 1960s. In addition to the novel Vilaça also wrote historiographical texts reinforcing some stereotypes presented in the historical novel. Our object will be presented as an indignation, demonstrating the problems and limits of this sober or past representative construction, proposing a historiographical review. The analysis of Vilaça's narrative allows us to understand the impacts on the construction of collective memories

about Cotaxé's past. We realize that there is a conflict of representations, in which, in memory and in historiography, there are at least two interpretive possibilities of the past of the agrarian movement of Cotaxé.

KEYWORDS: Literature and History. Historical Novel – Adilson Vilaça. Adilson Vilaça – *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*. Messianism – Literary Theme. Udelinista Movement – Literary Theme.

Recebido em: 7 de março de 2022
Aprovado em: 6 de junho de 2022